

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA O TURISMO NA REGIÃO VALEPARAIBANA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Claudio Emanuel Knupp Rodrigues¹, Liliane Santaella², André Meirelles Fida³, Jorge Luiz Knupp Rodrigues⁴

¹ Professor de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, na Anhanguera Educacional – Jacareí- Rua Santa Catarina, 75, Vila Pinheiros - 12307-130 –Jacareí/SP.
claudioknupp@hotmail.com

² Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional – Universidade de Taubaté e diretora de eventos da Coopertur - LN, Cooperativa de Turismo do Litoral Norte Paulista, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Portão 2, CEP 12020-030, Taubaté, SP, Brasil,
lilianesantaella@gmail.com

³ Professor de Turismo com ênfase em Meios de hospedagem, Alimentos e Bebidas, na Faculdade São Sebastião, Rua Agripino José do Nascimento, 177, Vila Amélia - 11600-000 - São Sebastião, SP
andrefida@hotmail.com

⁴ Professor Doutor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, da Universidade de Taubaté, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Portão 2, CEP 12020-030, Taubaté, SP, Brasil, jorgeknupp@gmail.com

Resumo - Este ensaio teórico busca apresentar e analisar a capacitação profissional para a área do turismo no Vale do Paraíba, a fim de se compreender a relevância da capacitação para o trabalho como um diferencial competitivo. É a partir dessa compreensão que tem-se como objetivo central apresentar o potencial turístico da região Valeparaibana, a importância e necessidade da capacitação das pessoas que atuam nas atividades ligadas ao turismo. Em pesquisa recente Rodrigues (2010) apresenta diversos resultados sobre a capacitação profissional em atividades do turismo, principalmente o que pensam as empresas pesquisadas sobre a responsabilidade da capacitação, números de horas destinadas para esta atividade, periodicidade e motivos que levam a capacitação, dentre outros. O presente ensaio caracteriza-se como um estudo exploratório e o delineamento de pesquisa utilizado foi o bibliográfico. Pelos dados levantados podemos concluir que assim, como outros profissionais, aqueles que atuam nas atividades ligadas ao turismo necessitam buscar conhecimento e aperfeiçoamento constantes, isto é, capacitar-se profissionalmente para que possam melhorar a qualidade de suas atividades.

Palavras chave: Capacitação profissional; Turismo; Vale do Paraíba; Mercado turístico; Mudanças

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

A expansão das atividades relacionadas ao turismo tem sido grande no Brasil e no mundo. O crescimento do turismo mundial se destaca principalmente nos países considerados emergentes, que vêm apresentando um 6-8%, frente aos países industrializados, desenhando um caminho em busca de um crescimento econômico sustentável (OMT, 2008). Novas tendências, originadas da segmentação das modalidades do turismo, também estão contribuindo para o crescimento do setor, abrindo um leque de atividades interdependentes. Desse modo, as dimensões do turismo tornam-se cada vez mais amplas, abrangendo diversas destinações e envolvendo mais comunidades e locais, que até

aparentemente inexpressivos, adquirem, muitas vezes, grande importância turística por suas peculiaridades e atrativos, afirma Rodrigues (2004).

O Vale do Paraíba Paulista, representa um dos maiores potencial natural e cultural para a prática do turismo. É preciso agregar valores a essa riqueza, para que esta atividade seja explorada de forma adequada para a captação de recursos, inclusive financeiros, tanto para o empreendedor, como para a população local que se desenvolve econômica e socialmente com a sua prática, em seu local de origem. Um dos principais entraves para o seu desenvolvimento no Vale do Paraíba é a falta de formatação de produtos turísticos e da

capacitação de profissionais para atuarem nas atividades ligadas ao Turismo.

Para que um local seja reconhecido como um local turístico, o que não é um processo natural, pois depende de uma construção cultural, envolvendo a criação de um sistema integrado de significados, através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada. (CASTRO, 1999).

A expansão das atividades relacionadas ao turismo tem sido grande no Brasil e no Vale do Paraíba. Novos destinos são continuamente descobertos e aproveitados como locais de potencial turísticos, gerando novas atividades, oportunidades de trabalho e o desenvolvimento local e regional. Da mesma forma, pólos receptores já consagrados continuam se desenvolvendo e incrementando-se para melhor atender às necessidades e expectativas dos visitantes. Novas tendências, originadas da segmentação das modalidades do turismo, também têm contribuindo significativamente para o crescimento do setor, abrindo um leque de atividades interdependentes. Desse modo, as dimensões do turismo tornam-se cada vez mais amplas, abrangendo diversas destinações e envolvendo mais comunidades locais, até aparentemente inexpressivas, adquirem, às vezes, grande importância turística pelas suas peculiaridades e atrativos.

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório e o delineamento de pesquisa utilizado foi o bibliográfico. Conforme aponta Gil (1999), grande parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas.

Segundo Vergara (2000) o método bibliográfico caracteriza-se pelo estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Ainda segundo a autora, a pesquisa bibliográfica fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma, como no caso do presente estudo.

A região do Vale do Paraíba Paulista e o Turismo

Historicamente, o Vale do Paraíba Paulista sempre esteve nas principais rotas dos viajantes no Brasil, desde a época Colonial. A ocupação da região data do final do século XVII e início do século XVIII, com o ouro que vinha das minas gerais, atravessando a Serra do Mar em direção ao porto de Paraty, para ser embarcado para o Rio de Janeiro e Europa. Sobre isso encontramos

apoio em Toledo (2000a) que afirma que entre as diversas trilhas indígenas existentes no território valeparaibano que adquiriram importância, mesmo depois do fim das bandeiras de apresamento de índios, uma delas é denominada de "Trilha dos Guaianás", através da qual, os viajantes oriundos do Rio de Janeiro subiam a serra de Parati, passando por um pouso denominado Facão, que mais tarde originou a cidade de Cunha e depois por Guaratinguetá, indo para as Minas ou Sertão dos Cataguás. Mais tarde, esta trilha indígena tornou-se conhecida como "Caminho Velho".

Ainda segundo Toledo (2000a), a primeira penetração dos brancos na região do Vale, ocorreu através da trilha dos Guaianás, em 14 de outubro de 1597. Uma expedição comandada por Martim Correia de Sá, saiu do Rio de Janeiro com objetivo de combater os tamoios, que estavam unidos aos franceses na luta contra os portugueses, o que foi denominado de confederação dos Tamoios. No final do século XVI, paratienses e vicentinos, por mútuo interesse, começaram a modificar o traçado da trilha dos XIII Guaianás e ao chegar ao século XVII, tinha um trajeto menor e o leito melhorado. A antiga trilha dos Guaianás, denominada de "Caminho da Serra" (no trecho Parati-Cunha) ou "Caminho Velho". Passou a ser conhecida como "Caminho do Ouro", com a corrida do ouro (1693-1711). O caminho dos índios passou por várias modificações, algumas obras e a construção de rústicas pontes melhoraram o traçado do mesmo, segundo Toledo (2000a).

A partir de 1725, surgiram os planos para execução de um caminho por terra entre as Capitânicas de São Paulo e Rio de Janeiro, com o objetivo de eliminar os riscos das viagens marítimas que saíam de Paraty. Relacionado ao contexto da mineração, numerosas trilhas do ouro foram sendo abertas, umas partindo do litoral, de Paraty, pelo Caminho Velho, outras por Mambucaba e seguiam em direção a Serra da Bocaina, local no qual se bifurcavam em diversas outras trilhas em direção as diferentes áreas do Vale do Paraíba, utilizando-se de atalhos pela Serra da Mantiqueira até chegar na região aurífera. A mais famosa entre essas trilhas era denominada de Cesaréa, que fora construída por volta de 1740, iniciava-se em Vargem Grande, atualmente município de Areias e seguia serra acima, toda pedregulhada, em direção à Mambucaba, afirma Toledo (2000b).

A região do Vale do Paraíba teve sua colonização completada, no século XVIII, a abertura das vias transversais e do Caminho Novo da Piedade. A construção das vias transversais teve como objetivo a melhoria da comunicação com o litoral, contribuindo para dar vida a núcleos urbanos como São Luís do Paraitinga e Paraibuna

(TOLEDO, 2000b). Já o Caminho Novo da Piedade, tinha o objetivo de melhor controle sobre o fluxo das riquezas minerais que circulavam na região e melhorar o sistema de comunicação, por terra, entre as Capitânicas de São Paulo e do Rio de Janeiro, a determinação das obras foi em 1725 e as primeiras picadas foram abertas em 1726. Seu traçado fazia a ligação da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, atual Lorena, até a Fazenda Santa Cruz, dos padres Jesuítas, as obras terminaram em 1778 (TOLEDO, 2000b).

Segundo Lima (2007), a região começou a sofrer já no século XVIII, com a exploração da cana-de-açúcar, mas as culturas eram praticamente de subsistência, porém, ainda não causavam grandes impactos ambientais, apenas trocavam parte da vegetação natural pelo plantio ou cultivo de cana-de-açúcar. As populações existentes neste momento da história eram ainda muito pequenas, os interesses econômicos locais muito incipientes e assim não contribuíam ainda para grandes impactos ambientais.

A região do Vale do Paraíba está situada entre o Leste do Estado de São Paulo e o Sul do Estado do Rio de Janeiro, possui 62 municípios, a maioria situado as margens da Rodovia Presidente Dutra (BR-116), que liga São Paulo ao Rio de Janeiro. O nome Vale do Paraíba, refere-se ao fato da região formar a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, que tem sua nascente na serra da Bocaina, a cerca de 1.800 metros de altitude, numa região conhecida como Várzea da Lagoa, no município de Areias e deságua no Oceano Atlântico, no litoral Norte do Estado do Rio de Janeiro.

O Rio Paraíba do Sul se estende por 1.120 quilômetros e passa por municípios nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Suas águas abastecem cerca de 13,5 milhões de pessoas. Com uma área de drenagem de mais de 55.000 Km², a bacia do rio Paraíba do Sul está localizada na região Sudeste e abrange áreas dos estados de São Paulo (39 municípios), Minas Gerais (88) e Rio de Janeiro (53). Em toda essa extensão, 36 dos 180 municípios estão parcialmente inseridos na bacia. É de 5,5 milhões de habitantes, a população estimada, sendo que 1,8 milhão está em São Paulo, 2,4 milhões no Rio de Janeiro e 1,3 milhão em Minas Gerais.

Aproximadamente 87% desta população vive em áreas urbanas, semelhante ao padrão das demais regiões brasileiras do desmatamento e da poluição hídrica na bacia e uma população de aproximadamente 14 milhões de pessoas utilizam-se das águas da bacia, que drena uma das regiões mais desenvolvidas do país (GESTIN e CEIVAP, 2007).

O Vale do Paraíba Paulista é formado por 39 municípios, a saber: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Cachoeira Paulista, Campos

do Jordão, Canas, Caraguatatuba, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Igaratá, Ilhabela, Jacaré, Jambeiro, Lagoinha, Lavrinhas, Lorena, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Piquete, Potim, Queluz, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luís do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Taubaté, Tremembé e Ubatuba.

A região do Vale do Paraíba Paulista possui um parque industrial muito desenvolvido, com destaque para os setores automobilístico, químico, aeronáutico, bélico, aeroespacial e siderúrgico, entre outros. Entre os anos de 1943 a 1970, ocorreram alguns fatos, como a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, a instalação da Usina Siderúrgica de Volta Redonda (RJ) e do Centro Técnico Aeroespacial (SP) o que estimulou a implantação de grandes fábricas metalúrgicas e mecânicas, além de propiciar a modernização das indústrias de bens de consumo e a criação de um XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba Paulista pólo tecnológico em São José dos Campos (FERREIRA, 2000). Além disso, essa região possui um acervo histórico e cultural de raízes marcadamente rurais, herdado de importantes ciclos econômicos como o café, o que mais contribuiu para a riqueza regional e a pecuária de leite. Essa ligação com o campo se traduz numa rica e variada gastronomia, nas festas populares e demais manifestações culturais, interferindo no modo de falar e de se comportar da comunidade local, segundo Faria (2004).

As belezas naturais, compostas por paisagens, áreas planas, ao longo do Rio Paraíba do Sul, margeados de um lado pela serra da Mantiqueira e por outro pela serra do mar, com trechos de matas nativas, cachoeiras e outros atrativos alcançados através de caminhos e estradas, por vezes acompanhadas por riachos com água limpa e cristalina, merecem destaques. Esses elementos agregados a história, cultura, produção rural e agrícola e natureza, formam uma parte importante de um produto turístico, que se torna mais atraente pela facilidade de acessos e proximidade com grandes mercados consumidores, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O turismo também representa um grande potencial para a região do Vale do Paraíba, destacando no lado Paulista o turismo religioso, principalmente na cidade de Aparecida do Norte, Cachoeira Paulista e mais recentemente Guaratinguetá com a canonização do Frei Galvão a categoria, turismo ecológico e rural Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Campos do Jordão,

Cruzeiro, Cruzeiro, Cunha, Monteiro Lobato, Paraibuna, Pindamonhangaba, Queluz, Santo Antonio do Pinhal, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luis do Paraitinga e Taubaté e turismo náutico Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

A capacitação profissional

No mundo atual são processadas mudanças rápidas, exigindo que práticas sejam revisitadas; conceitos sejam ampliados; fórmulas sejam reinventadas; impondo a necessidade de uma aprendizagem permanente o que implica em iniciativa, comprometimento, disciplina, investigação e avaliação para um melhor redimensionamento das dificuldades, exigindo assim um novo posicionamento e novas ações dos profissionais que atuam na área de Turismo, especificamente.

Observa-se que o crescimento dos conhecimentos científicos e técnicos tem se tornado cada vez mais ágeis não pertencendo mais apenas a pequenos grupos, pois a construção e desenvolvimento dos mesmos é realizada através da troca e da interação entre os indivíduos. Para Masetto (2003), as carreiras estão sendo repensadas baseando-se em novas capacidades e formação continuada dos profissionais, bem como novas capacitações, por exemplo, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa, cooperação.

O interesse pela capacitação e qualificação profissional de membros de uma sociedade não é absolutamente novo. De uma maneira geral, podemos notar que o interesse pela capacitação e qualificação profissional, está presente desde o momento em que se instaurou a divisão social do trabalho e, com esta, gradativamente, a divisão técnica do trabalho. As exigências do mundo do trabalho, em nível de qualificações e de competências, a socialização do saber e a posse de informações a curto prazo exigem a ampliação e diversificação das alternativas educacionais, bem como a sua sintonia com as transformações tecnológicas (Mata, 2001).

A capacitação profissional para as atividades do turismo no Vale do Paraíba

Devido o crescimento do turismo no Brasil e no Vale do Paraíba, a estimativa de geração de novos empregos é grande devido ao aumento de demanda, porém o profissional que o mercado espera deve ser preparado para a função. Além de possuir algumas características pessoais, deve ter no mínimo, o domínio de dois idiomas e um curso superior na área. Como sabemos, o alto potencial

turístico brasileiro está atraindo turistas e investidores de várias partes do mundo.

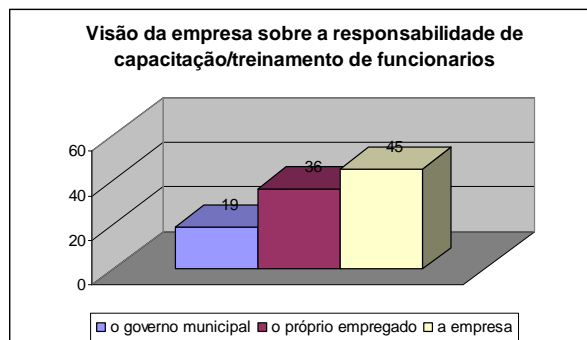
Os primeiros querem conhecer as belezas naturais do Brasil, enquanto os empresários do setor exploram os novos nichos do mercado. Chegou, então, o momento de o turismo ser encarado como uma atividade econômica, fomentadora de emprego, renda e divisas para o Vale do Paraíba. Para Pretti (2000), as rápidas transformações econômicas requerem uma formação técnico-científica básica e o acesso a um saber universalizante.

Devido às mudanças nos contextos sociais e econômicos, o conhecimento tem se mostrado uma importante alavanca econômica e de rápida expansão, assim, para sobrevivência no mercado, as organizações necessitam acompanhar as mudanças, investindo no desenvolvimento e na capacitação de seu pessoal, utilizando-se de processos educacionais através dos novos mecanismos tecnológicos, conforme afirma Caldas (2003).

Mesmo observando-se o surgimento de novos negócios turísticos e a crescente oferta de vagas nos mais diferentes cargos, principalmente nas redes hoteleiras, os empregadores reclamam da carência de mão-de-obra qualificada, afirmam Nakamura (2001) e Amaral (2003).

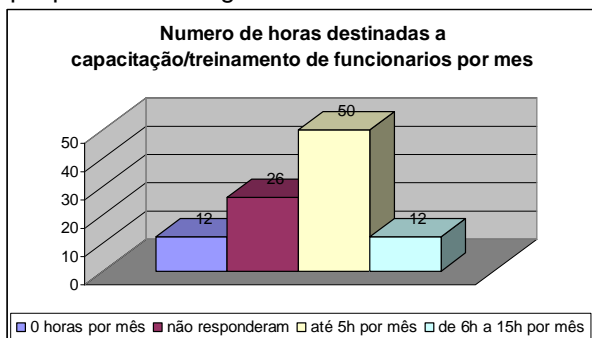
A escolaridade das pessoas disponíveis para funções operacionais é baixa e para os cargos gerenciais é incompleta. Como agravante, há grande carência de profissionais multifuncionais no mercado. O turismo, pela sua especificidade, é mais que um negócio, um processo ou uma atividade geradora de impactos.

Para completar esta deficiência, encontramos ainda organizações e proprietários que acreditam que capacitação/treinamento é responsabilidade do poder público e ou do próprio indivíduo, como pode ser observado no gráfico a seguir que demonstra os dados obtidos em pesquisa realizada por Rodrigues (2010) no Litoral Norte Paulista com organizações que atuam na área do turismo:

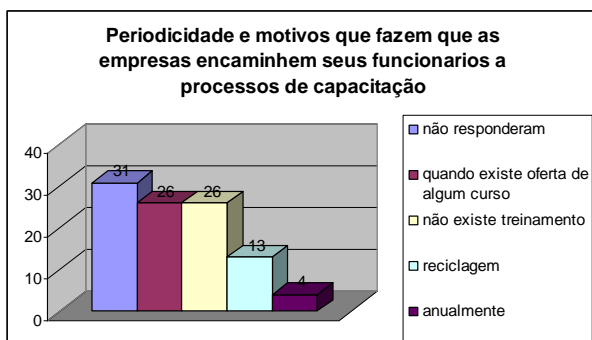


Outro dado que parece demonstrar o pouco interesse das empresas por capacitação é a carga

horária destinada a atividades deste processo como podemos observar na pesquisa realizada por Rodrigues (2010) no Litoral Norte Paulista e que podemos a seguir:



Já com relação a periodicidade e os motivos que levam as empresas encaminharem seus funcionários para capacitação podemos ver na pesquisa realizada por Rodrigues (2010) no Litoral Norte Paulista com organizações que atuam na área do turismo o seguinte:



Parece importante destacar também que a atividade turística envolve pessoas com níveis culturais e sociais por vezes muito distintos e que interagem nas diversas etapas do produto turístico. Assim sendo, existe um alto grau de interatividade do cliente ou turista, com todos os responsáveis pelo produto turístico vendido, desde o frentista do posto de gasolina, do farmacêutico e do bancário, até o guia turístico, o recepcionista e a aeromoça. Essa multiplicidade de contatos do fabricante com o consumidor, em tantas e diferentes etapas torna a atividade turística muito complexa. Mais complexa ainda se considerarmos que em todas as etapas existem seres humanos envolvidos e que, cada simples erro é percebido e comentado, na maioria das vezes, “em tempo real” pelos consumidores.

Considerações finais

Assim, como outros profissionais, aqueles que atuam nas atividades ligadas ao turismo necessitam buscar conhecimento e

aperfeiçoamento constantes, através de leituras, cursos, palestras, seminários, visitas, viagens e outros para que possam melhorar a qualidade de suas atividades. É óbvio que isso não pode ser feito única e exclusivamente de maneira individual ou pessoal. É necessário que empresários e o poder público sensibilizados pelas possibilidades do turismo, invistam na qualificação, capacitação da mão-de-obra que atua nas diversas atividades do turismo.

Na região Valeparaibana temos várias Instituições de Ensino voltadas para a construção do conhecimento e desenvolvimento de competências de profissionais da área de Turismo e devem pensar no perfil profissional destes, visando formar profissionais empreendedores, multifuncionais para atuarem nas diversas áreas e atividades do turismo, dotados de uma visão holística e ética para a promoção humana a partir do desenvolvimento sustentável do sistema turístico.

Não podem também se esquecer dos aspectos ligados à auto-sustentabilidade para a efetividade da indústria turística, com base na qualidade do atendimento aos clientes, na busca da satisfação total do turista como fator primordial de competitividade global, sem descuidar das demais competências pessoais e profissionais. Devem atentar ainda para a dimensão socio-econômica combinada a uma forte preocupação com a implantação e uso preservacionista dos empreendimentos turísticos, notadamente na infraestrutura e em equipamentos de destinação turística, garantindo uma gestão estratégica dos recursos naturais incluindo o espaço físico ambiental, a ecologia e o patrimônio histórico.

Portanto, o mercado turístico está em constante modificação, devido às grandes turbulências do cenário político, econômico, social e cultural, em função disso as instituições de ensino devem conscientizar-se do seu importante papel neste contexto, como organizações de vanguarda na construção do conhecimento e devem ser geradoras de novas idéias, novos produtos, novos serviços, novas formas de comercialização. Devem ainda trilhar o caminho da excelência, de

busca de novas opções, criando produtos acadêmicos, como agências, empresas de consultoria e sobretudo incubadoras para teste de novos produtos e de melhor capacitação dos Recursos Humanos que estarão atuando nas atividades do turismo. O mercado turístico necessita do apoio das organizações de ensino no desenvolvimento de pesquisas, na melhoria da qualidade dos Recursos Humanos.

A capacitação profissional e a produção de novas idéias são elementos fundamentais de uma instituição de ensino e os indivíduos interessados

em atuarem de maneira profissional e agregarem valor na área do Turismo devem buscá-la continuamente.

Referencias bibliograficas

- AMARAL, Lincon. **Turismo e Hotelaria**, em 04/01/2003. Disponível em <http://www.integral.br/zoom/materia.asp?materia=137>. Busca em outubro de 2008.
- ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio de; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento e projeto**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- BARBIER, J.M.. **Savoir Théorique et Savoir d'Action**. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1996. Loi d'Orientation sur l'éducation. N° 89-486, juillet 1989. Disponível em http://daniel.calin.free.fr/textoff/loi_1989.html, on line, Busca em abril de 2000.
- CALDAS, Rosângela Formentini. **Novas tecnologias para uma nova educação**. Disp. em http://cdchaves.sites.uol.com.br/novas_tecnologias.htm. Busca em julho/2003.
- CARVALHO, Ruy de Quadros. **Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação**. In FERRETTI, João Celso (et al.). **Tecnologias, trabalho e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CASTRO, Celso. **Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro**. Org. Velho, Gilberto. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FARIA, João Carlos. **O turismo rural tem futuro no Vale do Paraíba**. Disponível em <http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/turismorural.html>. Acesso em 07/2009.
- FERREIRA, Hamilton Rosa. **A industrialização**. Disponível em <http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0102000.html>. Acesso em 07/2009.
- GESTIN, **Sistema Integrado da bacia do Rio Paraíba do Sul**. Disponível em <http://pbs.ana.gov.br/pbs0800/index.asp?op=getodir&vdir=\>. Acesso em julho de 2007.
- LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, Luiz Eduardo Corrêa. **Enriquecimento Humano X Empobrecimento Ambiental na região do Vale do Paraíba do Sul**. Disponível em http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/1_Informativo%20IEV%20%20193,%20novembro%202007.doc. Acesso em maio de 2008.
- MASETTO M. **Competências pedagógicas do professor universitário**. S Paulo: Summus, 2003.
- MASl, Domenico de. **O Futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- MATA, Maria Lutgarda. **Revolução tecnológica e educação – Perspectiva da educação a distância**. In LOBO NETO (org.) **Educação a**

distância: referências e trajetórias. Rio de Janeiro. Assoc. Brasileira de Tecnologia Educacional, Brasília: Plano Editora, 2001, pág. 80.

- MATURANA, H. R. & VARELA, F. J. **El arbol del conocimiento, las bases biológicas del entendimiento humano**. Santiago: Editorial Universitaria, 1994.
- MORAES, Maria C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- NAKAMURA, Yoko. **Revista Turismo – Turismo e Hotelaria**, março de 2003, disponível em <http://www.revistaturismo.com.br/materias/especiais/profissionalizacao.htm>. Busca out. 2008.
- ORGANIZAÇÃO Mundial do Turismo (OMT). Disponível em: http://www.unwto.org/index_s.php. Acesso em 02 de dezembro de 2008.
- PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço – Turismo, lazer e outros temas**. S.P.: Roca, 2001.
- PRETI, Oreste (org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá, MT. NEAD/IE – UFMT. Brasília: Plano Editora, 2000.
- RODRIGUES, J. L. K. (org.) **Turismo o negócio do novo milênio**. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.
- RODRIGUES, J. L. K. (org.) **Pesquisa realizada no Litoral Norte Paulista com organizações que atuam na área do turismo**, 2010.
- SILVA, Edna Lúcia da & CUNHA, Miriam Vieira da. **A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-196520020003000008&script=sci_arttext&tlng=in. Busca em maio de 2008.
- TELES, João A. **Interiorização e impactos sócio-econômicos do turismo no Ceará**. In: CORIOLANO, Luzia Neide M. T. (org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.
- TOLEDO, Francisco Sodero (a). **Os caminhos do ouro**. Disponível em <http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0012000.html>. Acesso em 05/2009.
- TOLEDO, Francisco Sodero (b). **Caminhos de penetração, povoamento e colonização**. Disponível em <http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0022000.html>. Acesso em maio de 2009.
- TRIGO, L. G. G. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998.